



ENTREVISTA

CIÊNCIAS SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO FRANCÊS - distanciamentos e aproximações com a realidade brasileira: entrevista com Igor Martinache

SOCIAL SCIENCES IN FRENCH HIGH SCHOOL - distances and similarities with the Brazilian reality: interview with Igor Martinache

Josefa Alexandrina Silva¹

Síntese biográfica

Igor Martinache é doutor em Ciência Política pela Universidade de Lille e docente do Departamento de Ciência Política e Educação Física da Universidade de Paris – Nanterre. Tem realizado estudos sobre os professores de Ciências Sociais no ensino secundário na França e no Brasil além de pesquisar a politização das atividades físicas e esportivas e o engajamento profissional e militante dos professores de Educação Física. Foi professor do Liceu (Ensino Secundário) em Lyon e na periferia de Paris e membro do Comitê Diretor da Associação de Professores de Ciências Econômicas e Sociais (APSES) por 11 anos.

Josefa Alexandrina: Considerando que o ensino deve ser pensado dentro de um contexto social, qual foi o contexto que possibilitou a criação da disciplina Sciences Economiques et Sociales (SES) no currículo francês?

Igor Martinache: O ensino de Sociologia no ensino médio na França é inserido em um ensino que se chama significativamente Ciências Econômicas e Sociais

¹. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (SP). Pesquisadora do Grupo de Estudos de Juventude da UNIFAL-MG e do Grupo Escola Pública e Democracia (GEPUD) da UNIFESP. E-mail: j.alexandrina@uol.com.br

(SES). A gente não reflete muito sobre esse nome pois significa que a economia não seria realmente uma ciência social como as outras. A disciplina teve início na década de 1960, e não é uma consequência dos movimentos sociais de maio de 1968. Lembro isso porque existe essa crença, muito frequente, de que existe uma ligação. Mas na verdade, o Ministro da Educação da época, que se chamava Christian Fouchet, que embora tenha pertencido a um governo de direita, queria sinceramente abrir o ensino médio na França. Historicamente existiam dois sistemas de ensino paralelos, o que chamamos de ordem primária e ordem secundária. Esse sistema existia desde o início do século XX, e foi descrito entre outros por Durkheim no livro *Evolução Pedagógica na França*², e consistia em aulas distintas em termos de objetivos e conteúdos. A ordem primária era destinada aos filhos do povo, com um ensino mais curto e mais aplicado. A ordem secundária era o ensino para os filhos da burguesia, com um ensino mais longo para o preparo para a universidade.

De 1959 até metade dos anos de 1970, foi um período em que houve a unificação do sistema escolar na França e que foi chamado de “democratização” da escola. Essa unificação suscitou a reflexão de como organizar um ensino médio que pudesse acolher todos os tipos de estudantes. Então existia um percurso mais científico, como matemática, física etc. e um percurso mais literário com a língua francesa. A ideia foi criar um percurso intermediário, econômico e social para conduzir reflexões sobre a sociedade, constituindo uma terceira cultura.

Então o que é muito interessante é que essa missão de desenvolver o ensino de Ciências Econômicas e Sociais(SES) foi confiada não a economistas ou sociólogos, mas aos historiadores e geógrafos da Escola dos Annales, que foi fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre. Eles exerceram um papel muito importante nesse desenvolvimento, pois a concepção de história que eles promoveram foi muito aberta sobre outras ciências, especialmente a economia.

Então os primeiros currículos foram elaborados durante um ano, eles realizaram uma experimentação com cerca de 200 turmas do primeiro ano do ensino médio de diferentes escolas para ver se iria funcionar. Depois, no ano seguinte eles se expandiram para todo o país. No início os currículos tiveram duas

2 DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002

coisas muito importantes - a primeira delas era a ideia de estudar objetos usando abordagens multidisciplinares. Por exemplo, ao estudar o dinheiro ou a escola, se analisava suas características sociais, e ao mesmo tempo, sua dimensão econômica, antropológica, política, sociológica e histórica, todas juntas, o que corresponde ao espírito da Escola dos Annales. O segundo foi de privilegiar uma pedagogia ativa que significa que os estudantes não deveriam apenas receber uma aula magistral, mas ficar ativos no ensino trabalhando com vários tipos de documentos, textos, artigos de jornais e trechos de livros científicos, mas também gráficos, tabelas mesmo desenhos para construir seu próprio conhecimento. A proposta era que os professores do ensino médio pudessem utilizar conhecimentos adquiridos na academia, mas também usar artigos de jornais, pois sua matéria também é o que acontece na sociedade. A ideia era desenvolver um pensamento específico, científico desse ponto de vista, mas não uma preparação para o ensino superior, isso é o que chamamos na Associação de Professores de Ciências Econômicas e Sociais (APSES) de projeto fundador das Ciências Econômicas e Sociais.

Os professores com formação em outras disciplinas não foram muito felizes com isso, especialmente os professores de filosofia, que brigavam para que esse ensino não fosse desenvolvido dizendo: "nós já ensinamos o pensamento sobre a sociedade". Mesmo que a filosofia na França até hoje, só se ensine no último ano do ensino médio. Eles fizeram manifestações com o suporte de filósofos científicos renomados. Também professores de história-geografia – que constituía uma disciplina só no ensino básico francês – e mesmo professores de economia que atuavam no ensino técnico e mais voltado para administração de empresas, não tiveram êxito ao ministrar a disciplina SES. Mas essas dificuldades existem até hoje entre disciplinas vizinhas, isso é muito importante porque hoje em dia se criam cursos multidisciplinares cujos professores de diferentes disciplinas podem ensinar, então cada escola tem se empenhado em discutir com professores de várias disciplinas para saber o que vai ensinar.

Josefa Aleandrina: Quais são as tensões geradas pelo compartilhamento de conhecimentos de Ciências Econômicas, Sociologia e Ciência Política em uma mesma disciplina escolar?

Igor Martinache: Têm uma integração muito forte entre os economistas em torno de uma corrente que se chama corrente neoclássica. Ela é dominante nas Ciências Econômicas e Sociais (SES), ela é mais teórica e tem hipóteses muito fortes. Seus promotores acreditam que os fenômenos sociais estão enraizados em decisões individuais – na direção oposta ao projeto durkheimiano – e que essas decisões são baseadas em escolhas racionais, nas quais cada indivíduo opta conscientemente pela ação que maximiza sua satisfação dentro das restrições de recursos. Essa visão, que ainda hoje é dominante na economia, não apenas leva pouco em conta os fatores sociológicos, mas também é altamente prescritiva, na medida em que defende implicitamente uma visão do mundo em que os indivíduos são reduzidos a produtores-consumidores egoístas e o mercado é a melhor maneira de alocar recursos. Um dos representantes dessa corrente é Milton Friedman, que influenciou muito a política econômica na ditadura militar no Chile. A corrente neoclássica se afasta completamente das outras ciências sociais por afirmarem que não são verdadeiras ciências, começando com a sociologia. Então até hoje essa é a corrente dominante entre os economistas acadêmicos no mundo inteiro, e considerando que a maioria dos professores de Ciências Econômicas e Sociais (SES) foram treinados em faculdades de economia, e, acima de tudo, que os economistas escolhidos para escrever os programas são quase todos dessa corrente, nem sempre é fácil criticar essa abordagem entre os últimos.

Além disso, há economistas que criticam a metodologia pautada na pedagogia ativa, a ideia deles era tornar as Ciências Econômicas e Sociais (SES) em uma simples introdução à economia neoclássica. Houve disputas com outras correntes das Ciências Econômicas e hoje eles acham que a SES é uma disciplina mais realista que mostra como funciona o ser humano na sociedade.

Tem um segundo grupo de atores coletivos que é o lobby empresarial, que acha que a economia no ensino médio deve servir para preparar futuros trabalhadores que devem acreditar no mercado livre e no empreendedorismo. Então eles não gostam muito da Sociologia, não a consideram um verdadeiro conhecimento, mais uma simples ideologia que busca por exemplo justificar as formas de delinquência social ou o terrorismo, como declarou o ex-primeiro-

ministro, supostamente socialista, Manuel Valls, após os ataques de 2015 em Paris. Essa oposição à sociologia e, em particular, à figura de Pierre Bourdieu, está muito presente nas elites e na mídia francesas e, sem dúvida, decorre do apoio que Bourdieu deu ao grande movimento social de 1995 e a sua oposição pública ao neoliberalismo nos últimos anos de sua vida. Esses lobbies empresariais, que não envolvem todas as organizações de empregadores, mas uma minoria muito ativa entre elas, realizaram no início dos anos de 1990, ações para ampliar sua influência no ensino de Ciências Econômicas e Sociais (SES) em que foram propostos os recursos didáticos para que os professores pudessem usar nas salas de aula. Mas, obviamente esses recursos didáticos foram influenciados pela abordagem ideológica que eles possuem da economia. Eles também propõem estágios de treinamento para os professores e cursos de verão. Pesquisando nos acervos da inspetoria geral do Ministério da Educação Nacional, descobri que desde o início dos anos de 1970 os responsáveis pela disciplina estão conscientes desse problema, mas afirmavam que não tinham recursos para organizar um treinamento suficiente para os professores, então aceitavam essa oferta do mundo empresarial para esses grupos de professores.

Eles não representam os bancos diretamente, mas as instituições de educação financeira. Quando eu discuto com os colegas europeus vejo que existe em toda a Europa essa ideia de que se as pessoas têm problemas no dia a dia com endividamento não é porque eles não ganham o suficiente para viver, mas porque não sabem gerar seu próprio dinheiro. Essa pressão é muito forte hoje na França, esses grupos influenciaram a população, empreendedores e dirigentes da indústria. Um deles foi dono do principal banco do país e também professor de Ciências Políticas em uma das instituições mais renomadas na França e travou uma guerra pessoal com o ensino das Ciências Econômicas e Sociais.

Tudo isso para dizer que quando você estuda a evolução dos currículos você vê que eles se afastaram mais e mais do projeto original até chegar ao currículo de 2010 onde tem uma separação bem direta entre a economia de um lado e os capítulos de Ciências Políticas e Sociais do outro lado. Fica ainda alguns capítulos ao fim dos livros que se chamam "olhares cruzados" onde cruzamos ainda uma abordagem econômica e uma abordagem sociológica e política. A antropologia foi

retirada do programa, isso significa que não estudamos mais a questão da família do ponto de vista antropológico, que foi um objeto muito importante na SES para ajudar os estudantes a desnaturalizar o mundo social, e começavam pela discussão sobre a própria família. Foi assim que começamos a ensinar no início do ensino médio, e essa foi uma maneira muito eficaz de desconstruir as falsas evidências arraigadas na mente dos alunos sobre o mundo social. Essa discreta remoção da antropologia foi uma vitória para os adversários do projeto original da SES .

No final, a coexistência da economia com as outras ciências sociais levaram a tensões específicas no ensino da sociologia na França, mas acho que, apesar disso, é algo importante e interessante na experiência francesa, em comparação com o Brasil, pois a economia é um assunto muito importante para o exercício da cidadania. Os debates econômicos não devem ficar restritos aos que estudaram a economia na universidade. Por considerar que a economia diz respeito a todos, considero muito importante que seu ensino seja integrado às ciências sociais.

Josefa Alexandrina: Em suas pesquisas sobre a evolução do ensino da Ciências Econômicas e Sociais (SES) na França, quais foram as principais modificações identificadas na forma como a disciplina é ensinada e avaliada?

Igor Martinache: Quando se estuda os currículos de SES, observa-se que no início eles foram muito amplos e vagos. Como não havia precisão, os professores poderiam fazer quase tudo o que eles pensavam que seria melhor para apresentar o mundo social e as grandes questões que foram escritas no programa. Já os programas mais recentes são muito mais prescritivos, o que significa que os professores têm muitas noções a transmitir aos estudantes numa carga horária mais limitada. Atualmente o sistema educacional tem se orientado no sentido de conseguir aprovações em provas e exames. Isso significa que os professores tiveram uma forte redução da sua liberdade pedagógica e o aprendizado dos estudantes tem sido substituído por memorização de definições.

Por sua vez, os exames como o “baccalauréat” – o equivalente do ENEM - mudaram. As provas não são mais ensaios onde o estudante deveria abordar os dois lados de um problema ou análises e interpretação de documentos estatísticos.

Cada vez mais requerem que os estudantes apenas recitem seus conhecimentos, como se existisse verdades nas Ciências Humanas que não se podem discutir, e só pode responder a perguntas bem fechadas. Isso expressa uma abordagem que vem dessas correntes da economia, que não tem debate, só questões que são consideradas como verdades absolutas.

Josefa Alexandrina: O projeto fundador da disciplina Ciências Econômicas e Sociais (SES) indica que seu sentido seria despertar uma atitude metodológica para compreensão dos fenômenos sociais, mais do que dominar conceitos e teorias. Aqui no Brasil essa discussão esteve presente em 2008, quando a Sociologia se tornou uma disciplina obrigatória. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) afirmam que o sentido do ensino da Sociologia é despertar uma postura de curiosidade e levar os estudantes a desnaturalizarem a realidade e compreender as questões sociais como questões humanas, portanto, passíveis de mudança, abrindo a possibilidade de desenvolvimento de uma atitude metodológica de questionamento. Mas na medida em que o ensino se volta excessivamente para o domínio de conceitos e autores, a disciplina escolar vai perdendo seu sentido inicial e se transformando numa disciplina de molde mais acadêmico. Você identifica isso como uma tendência do ensino das Ciências Sociais no ensino médio hoje?

Igor Martinache: Como o Durkheim disse na "Evolução Pedagógica na França" tem essa especificidade do que os professores do ensino médio francês são professores de uma disciplina só e sua honra é de ter o conhecimento da sua disciplina. Na França, a pedagogia no ensino médio é uma coisa muito relegada em comparação como conhecimento acadêmico dos professores. As provas de seleção de professores privilegiam mais o conhecimento acadêmico do que fazer a transposição didática. Então isso é interessante porque uma disciplina como a SES chega a ter professores que vem de uma licenciatura econômica ou uma licenciatura em Ciência Política ou Sociologia. Portanto, não se pode pretender que o professor tenha o domínio da economia, da sociologia e da ciência política.

Nesse relato muito rápido da evolução da SES, você também deve entender que os professores não existem como um grupo só que atua contra essas forças externas, mas também professores que pensam que, para legitimar a disciplina, ela deve ser equiparada ao que existe na academia. Então é comum alguns professores considerarem positiva essa separação entre economia de um lado e sociologia e ciência política de outro. Essa tendência, para mim e para a APSES em geral, é muito negativa. Por causa disso a APSES tem um discurso militante e nem todos os professores da própria disciplina concordam com isso.

Na França existe um corpo de inspetores, que são pessoas que passam em concurso para monitorar o trabalho dos professores, e, portanto, acompanhar o desenvolvimento da disciplina. Os inspetores são responsáveis por uma área geográfica, não dão aulas, mas acompanham os professores e verificam se esses respeitam os programas. Cada disciplina escolar tem seus inspetores gerais, que são muito poucos, e são os responsáveis pelo ensino da disciplina pelo país inteiro. Existem disciplinas maiores onde há diversos inspetores regionais para cada uma, no caso da SES só existe um por região. Ele é responsável pela sua área regional e deve acompanhar os professores, aconselhá-los e fiscalizar se respeitam bem os programas e dão uma nota aos professores, que é considerada muito importante para a evolução da carreira deles, quando são do serviço público. Se eles não são servidores públicos, esses inspetores podem demiti-los. Esse corpo é muito importante e inicialmente eles também foram responsáveis pela redação dos programas, então é muito importante.

O Ministério da Educação Nacional, em 1988, criou uma comissão que foi confiada a Pierre Bourdieu e ao biólogo François Gros com outros pesquisadores acadêmicos para revisar os conhecimentos transmitidos pela escola³. Eles fizeram um relatório sobre a construção dos programas escolares dizendo que a confecção desses programas deveria ser mais aberta.

Então hoje na França os programas escolares quando são escritos tem um grupo que é constituído pelo Ministério da Educação Nacional, pelos inspetores,

3 BOURDIEU, P.; GROS, F. Principios para una reflexion sobre los contenidos de la enseñanza. *Revista de Educación*, núm. 292119901. págs. 417-425. Disponível em: <https://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:ca5f3b51-f008-4f93-8838-554935705001/re2922300478-pdf.pdf>. Acesso 03 dez 2023.

mas também professores do ensino médio e universitários⁴. Na verdade, há um domínio dos acadêmicos porque eles são considerados mais legítimos, isto gera um alinhamento dos programas escolares com as disciplinas universitárias. A mudança no processo de escrita dos programas, no qual os acadêmicos têm um papel mais importante, traz um destaque muito político sobre quem vai nomear os especialistas nesses grupos. Os acadêmicos que vão decidir o que se deve colocar em economia e sociologia e ciência política. Geralmente os governos recentes colocam sempre economistas neoclássicos, por causa disso também que os programas são dados desse jeito. Mas para responder mais diretamente a sua pergunta acho que sim, é um problema, essa evolução é muito problemática porque perdemos o objetivo inicial do ensino.

Como na França só existe um currículo, é mais fácil de estudar. Antes do conteúdo a ser ensinado, existe um texto inicial com a justificativa da disciplina, que define os objetivos e os métodos, é considerado muito importante além de indicar os pontos a serem ensinados. Esse texto atribui três objetivos ao ensino de SES, cuja hierarquia mudou significativamente ao longo do tempo. O primeiro objetivo agora é “contribuir para o desenvolvimento intelectual dos alunos”, o que, na mente dos líderes políticos atuais, significa preparar futuros trabalhadores adaptáveis para o mercado de trabalho. Como o sociólogo Christian Laval - um ex-professor da SES-entre outros, explica bem⁵, há uma forte tendência neoliberal de ver as escolas como um serviço para a iniciativa privada e não como espaço social para a emancipação dos alunos. Em particular, o objetivo é transmitir conhecimentos, “saber-fazer” (*know-how*) e “saber estar” que os tornam “prontos para uso” e dóceis para seus futuros empregadores, em vez de capacitá-los a desenvolver uma mente crítica capaz de questionar a arbitrariedade e as relações de dominação no mundo social em que se desenvolvem. O segundo objetivo assinado ao ensino de SES é preparar os alunos para os estudos superiores, que na França a taxa de estudantes do ensino médio que vão para a universidade é bem

4 MARTINACHE, I. ENTREVISTA: "Escrever um currículo é um pouco como escrever uma lei". Entrevista com Darmon, Presidente da Associação Francesa de Sociologia. *Latitude*, Maceió-AL, Brasil, v.14, n. Esp., p. 311-332, 2021. DOI: 10.28998/lte.2021. n11312. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/11312>. Acesso 5 dez 2023.

5 LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa. O neoliberalismo em ataque ao ensino público* (traduzido por Mariana Echalar), São Paulo: Boitempo, 2019. .

maior do que no Brasil - é bem maior do que muitos outros países ricos também - isso é um assunto em si, mas isso representa um problema específico para a SES, pois significa que o conteúdo precisa estar alinhado com as divisões disciplinares em vigor na universidade. O terceiro objeto é preparar para a cidadania, indicando o que a escola deve trazer para os cidadãos em formação. Não é um conhecimento para obter certificações, mas é o desenvolvimento de uma capacidade de tratar informações, como ferramentas para um pensamento específico. Esses objetivos não são totalmente opostos, mas existe uma tensão.

Muitos textos que abordam o ensino de SES vão mudando ao longo do tempo. No início preparar cidadãos foi um objetivo maior, hoje preparar os estudantes para os estudos superiores e para a vida profissional vem ganhando relevância e a cidadania vem nos últimos lugares.

Atualmente os programas são tão densos que não é possível desenvolver todas as atividades a partir de uma pedagogia ativa. Eu estudei um pouco a evolução das aulas - e os professores dizem "*queria muito organizar coisas com os estudantes fazer pedagogia ativa, mas não posso por que temos que acabar com um programa*", isso é uma pressão muito forte. Então o professor tem que ir rapidamente, o que significa "ditar" coisas. Esta aprendizagem passiva torna os estudantes passivos e forma cidadãos passivos.

Josefa Alexandrina: No Brasil um dos princípios constitucionais que regem a organização do ensino é a liberdade de aprender, ensinar e o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, que garantem a autonomia docente. Como é a discussão da autonomia docente em seu país?

Igor Martinache: Existe a questão que chamamos na França, de liberdade pedagógica, isso é um valor muito forte - a ideia é que os objetivos estão nos programas, temos essa ideia de que o ensino é uma centralidade republicana desde a Revolução Francesa e a ideia de que o serviço público deve ser igual para todo mundo, embora isso não seja uma realidade, mas é o ideal que buscamos seguir. Então os programas nacionais são para todos os estudantes, mas os professores podem escolher os meios atingir esses objetivos. Mas o que estou dizendo é que

existe uma tendência da SES a que os professores tenham cada vez menos margem de liberdade, porque os programas são mais pesados. Hoje em dia tem uma grande pressão sobre os professores devido a existência de um sistema de recrutamento dos estudantes pelo ensino superior que se baseia sobre diferentes critérios, mas sobretudo em uma certa excelência escolar. Essa pressão vem dos estudantes e de seus pais, pois eles devem receber boas notas para entrar na universidade no curso que eles querem. Todos esses elementos reduzem muito essa liberdade pedagógica, não significa que ela não existe, mas ela diminui muito.

Quando pesquisei os professores de SES, identifiquei que há uma diferença, os que usam essas margens de liberdade, são os professores que tem mais recursos culturais e expertise e que tem nível de treinamento maior. Tem muitos professores de SES que estudaram nos institutos de estudos de política, como o Sciences Po Paris. Mas existem várias escolas que funcionam sobre o mesmo modelo nas outras capitais regionais, que tem uma formação bem parecida com o espírito da disciplina SES, com uma formação multidisciplinar. Esses institutos foram criados para treinar futuros políticos, foram criados pelas elites burguesas para dizer *“temos que ter uma elite política melhor formada”*. Mas a ideia era que eles precisam ter conhecimentos de economia e ciências sociais e várias outras disciplinas - então é um ensino multidisciplinar. Há uma maioria bem sólida de professores de ciências econômicas e sociais que vem desses institutos de estudos políticos - por exemplo, quase toda a direção da APSES tem essa formação. Então eles se sentem legítimos para usufruir dessas margens de liberdade - mas os professores mais jovens que vem de uma origem social mais baixa que tem menos confiança em si eles não usam essa liberdade e tendem mais a seguir literalmente as diretrizes dadas pela inspetoria. Evidentemente o exercício da liberdade pedagógica varia de uma escola para outra e também de professores.

Josefa Alexandrina: Aqui no Brasil estamos em meio a uma reforma educacional que tem sido amplamente contestada pela sociedade civil. Esta reforma aponta para uma disputa em torno dos conhecimentos de Ciências Sociais considerados válidos, como também das práticas de ensino, indicando que os autores da reforma buscam atribuir ao ensino da disciplina um caráter utilitário. Além disso, busca-se

reduzir o espaço das Ciências Sociais no currículo com diminuição de sua carga horária, inviabilizando o ensino em condições mínimas de qualidade. Sabemos que esse tipo de reforma que busca instituir currículos flexíveis com redução dos espaços para o desenvolvimento do pensamento crítico também está sendo implementada na França. Como esse tipo de reforma tem afetado do ensino de SES?

Igor Martinache: É um assunto crucial, e tenho a impressão de que na França estamos enfrentando o mesmo problema, mesmo que ele não se manifeste exatamente da mesma forma, dadas as características nacionais, sociais e históricas específicas de cada país. Recentemente, o ensino médio foi totalmente reformado pelo primeiro-ministro da educação de Macron, Jean-Michel Blanquer. Em especial, aboliu os três fluxos existentes na educação geral - literário, científico, econômico e social -, que tinham sua própria e forte coerência interna, em favor de opções “à la carte” nos dois últimos anos do ensino médio. Oficialmente, a ideia era motivar os alunos, permitindo que escolhessem o que lhes interessava e preparando-os mais cedo para suas futuras carreiras. Mas na prática, isso levou a uma forte concorrência entre as matérias existentes, tanto para atrair os alunos para suas matérias opcionais e, assim, manter os cargos, quanto para ensinar as novas matérias chamadas interdisciplinares que não correspondem as matérias existentes. Por exemplo, os professores de estudos sociais estão em uma competição acirrada com os professores de história e geografia em cada escola para saber quem vai ensinar uma nova matéria chamada significativamente "história, geografia, geopolítica e ciência política". Isso tem um sério impacto na atmosfera das equipes de ensino e está de acordo com a ideologia neoliberal de que a concorrência generalizada é boa para todos. Também reforça as desigualdades entre os alunos, que não têm os mesmos meios de perceber quais opções são preferíveis para seus estudos futuros. Por exemplo, alguns alunos pararam de estudar matemática muito cedo e depois perceberam tarde demais que isso estava fechando as portas para muitos cursos universitários. Na mesma linha, o mesmo ministro criou um sistema computadorizado de registro de ensino superior chamado "Parcoursup". Na prática, isso coloca todos os estudantes do país em uma competição para entrar

nas universidades, logo no primeiro ano do ensino médio, e força cada faculdade a selecionar os estudantes que podem entrar nela. É um pouco como o sistema de vestibular que vocês têm aqui, exceto que não se baseia em uma competição, mas nas notas obtidas desde o início do ensino médio, bem como em critérios específicos de cada faculdade que os alunos nem sempre conhecem. Na França, até agora, estudar na universidade era um direito desde que se tivesse o “*baccalauréat*”. Pesquisas sobre o assunto mostraram que esse sistema reforçou as desigualdades sociais e de gênero no acesso ao ensino superior, além de intensificar a ansiedade dos alunos no ensino médio, que já é a mais alta de todos os países da OCDE.

Josefa Alexandrina: Comente sobre as formas de atuação da Association de Professeurs de Sciences Economiques et Sociales (APSES) e como você avalia a importância desse modelo de associação para o avanço do campo disciplinar. Que tipo de intercâmbio é possível ser feito entre associações como a ABECS e a APSES?

Igor Martinache: A Association de Professeurs de Sciences Economiques et Sociales (APSES), foi fundada desde o início dos anos de 1970 pela própria inspetoria geral. A ideia era legitimar a disciplina e uniformizar esse corpo docente. Assim como aconteceu no Brasil em 2008, lá quando a disciplina foi criada, era necessário professores, e eles não existiam. Inicialmente foram recrutados voluntários entre professores de história, geografia, ciência e técnicas econômicas e mesmo filosofia. Então a APSES atuava para dar uma uniformidade ao corpo docente reunindo-os em um único lugar para realizar estágios de treinamento, indicando como ela esteve inicialmente ligada aos dirigentes da disciplina.

Mas no início dos anos de 1980, as SES foram muito atacadas especialmente pela sua dimensão sociológica. Naquele momento a APSES se autonomiza da inspetoria geral e fica mais uma associação que milita por um projeto original da SES e pela autonomia dos professores. Foi um contexto de muitas tensões entre o Ministério de Educação Nacional, a Inspetoria Geral e os professores ligados à APSES. Desde essa época a APSES tem uma relação bem complicada com o governo, com negociações difíceis, como aquelas que existem entre representantes

dos empregadores e empregados, como nos sindicatos, embora a APSES não seja um sindicato. Existe uma repartição muito clara e nítida entre os papéis do sindicato de professores que devem militar sobre as condições de trabalho e as associações disciplinares cujo papel é cuidar do ensino e suas questões pedagógicas, mesmo que ambas as dimensões são necessariamente ligadas. Sabemos que quando os programas mudam as condições de trabalho mudam necessariamente.

E o que faz essa associação? Eles escrevem muitos comunicados de imprensa e tem um papel de comunicação pública quando tem problemas nos programas ou quando a disciplina é atacada publicamente. Então quando a imprensa faz artigos que consideramos ruins e mentirosos, reagimos. Além disso, a APSES tem um papel de unificar o corpo docente - então organiza um estágio de treinamento regular tanto em nível nacional como regional.

A APSES é especialmente uma associação bem forte em comparação com outras associações disciplinares na França, o que pode ser comprovado por ter tantos membros. Atualmente a APSES tem quase 2.500 membros, quando você considera que existe cerca de 5.000 professores de SES no país. Isso significa que quase a metade dos professores são membros da APSES.

Um dos motivos é o espaço reservado aos membros da APSES no site, onde os professores podem colocar suas aulas e os materiais didáticos que desenvolvem. Esse espaço de compartilhamento é muito interessante do ponto de vista pedagógico porque podemos ver como os outros professores desenvolvem suas aulas, qual o tipo de atividades que eles fazem, suscitando ideias que são usadas por outros professores para outras turmas de estudantes. Isso ajuda a preparar muito as suas aulas e especialmente quando o professor se encontra no início da carreira ou quando os programas mudam.

Mas o problema que eu vi é que os que mais compartilham são os que tem mais recursos e os que se consideram mais legítimos. Entrevistando professores, identifiquei que muitos dizem: "eu não ousou compartilhar com os outros, eu não acho minhas aulas suficiente boas para compartilhar". Então isso cria uma hierarquia entre os professores - as classificações sociais e tipos de dominação do qual eles quase nunca falam, mas existe. Como em todo grupo militante humano

you see that there are some who talk more than others, men more than women - then this type of domination also exists.

As APSES is organized around regional units, each geographical region has its own autonomy to organize its activities. There are moments of training that can mean organizing a conference and inviting an economist or sociologist to discuss a topic or even a coffee in a bar in the city.

Some APSES professors create some interesting activities that we call "sociological walks". They organize these activities in cities like Paris, Bordeaux, Lille among others, the professors act as if they were tour guides focusing on the sociological dimension of the space. They take not only the student groups, but citizens who want to participate in a public lesson, and during these walks they will say "*esse aqui é um bairro de tem esse tipo de sociologia da população, aqui acontecem tais fenômenos*" is a way to discover your city with another look, to do a type of public sociology and to show what APSES professors do and why they do it and why sociology is an interesting knowledge.

But it is not only that, the professors also organize small researches with the students, that they raise together with their families the origin and profession of grandparents and great-grandparents. These data are shared with the other students producing collective knowledge. However, this type of activity has been more difficult to be realized due to the intensification of work.

I believe that associations like the Brazilian Association of Social Sciences (ABECS) and APSES should make exchanges of experiences. Even the disciplines having their own characteristics and history. You know well the work of researches of André Chervel⁶ that analyzed the history of school disciplines. These histories have what we can call a "dependence on the way", that is, the idea that you also depend on your history and that today we cannot say "*vamos acabar com o que existe e vamos mudar totalmente as coisas*". Obviously we will not have a social sciences teaching in

6 CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de Pesquisa. *Teoria & Educação*, n.2, p. 177-229, 1990.

mundo inteiro que tenha os mesmos conteúdos de ensino, abordagens e metodologias que no Brasil ou na França. Temos questões bem particulares de um país a outro e temos uma história diferente.

A França e o Brasil têm a questão da escravidão, que é muito importante, mas não tem a exatamente os mesmos destaques em outros países. As migrações não são as mesmas, e a maneira como esses países se inseriram no sistema capitalista são diferentes. Então acho que temos uma parte nacional dos currículos e obviamente temos essa ideia de que temos histórias nacionais diferentes e temos que enfrentar essa história. Mas a realização de estudos comparativos entre países ajuda muito a desnaturalizar a realidade.

Veja por exemplo, a discussão das relações raciais na França é um assunto muito difícil de inserir nos programas escolares e mesmo discutir na sala de aula – como fora dela! É, portanto, um assunto muito importante nas sociedades contemporâneas em tem várias coisas nos programas brasileiros que são bem mais elaboradas e cruciais do que nos programas franceses.

O Estado no Brasil não tem a mesma estruturação que na França, então podemos até usar conceitos similares, mas a realidade que vamos conversar com os estudantes não são exatamente as mesmas. Na França temos essa ideia de que o Estado é forte, necessariamente uma coisa muito desatualizada. Temos os mesmos programas, os mesmos serviços públicos em todo o país e não entendemos bem países federais como Estados Unidos da América e Brasil ou mesmo Alemanha e Espanha. São coisas muito esquisitas para os franceses, quando olhamos de longe, a existência de políticas diferentes no Estado de São Paulo, Mato Grosso ou Pará, tendemos a considerar que esse é um fator de desigualdade, porque lá a política deve significar uniformidade.

Entrevista realizada em: 03 nov. 2023. São Paulo.

Recebido em: 11 dez 2023.

Aceito em: 15 de dez. 2023.

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

SILVA, Josefa A. Ciências Sociais no ensino médio francês - distanciamentos e aproximações com a realidade brasileira: entrevista com o Professor Igor Martinache. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. Cabece*, v.7, n. 1, p.155-172, 2023.